

**A SEMANA – 196\***

1º de março de 1896

Lulu Sênior disse quinta-feira que Petrópolis está deitando as manguinhas de fora.<sup>1</sup> Não serei eu que o negue, mas o fenômeno explica-se facilmente. Eu, há já alguns pares de anos, engenhei um pequeno poema, cujo primeiro verso era este:

Baias era a Petrópolis latina.<sup>2</sup>

Entende-se bem que a comparação vinha da vida elegante e risonha da antiga Baias, tão buscada daqueles romanos nobres e opulentos, que ali iam descansar de Roma. Vinha também da situação das duas cidades de recreio, conquanto Petrópolis não banhe os pés no mar. Mas as serras aqui valem os golfos do velho mundo; ficam mais perto do sol. No mais, os prazeres eram diferentes, como é diferente a vida moderna. Petrópolis, ao domingo, vai à casa de Maria Santíssima com o livro de rezas na mão; Baias, sem dia certo, acolhia-se ao templo de Venus Genitrix.<sup>3</sup> Sinto deveras haver esquecido os outros versos. A minha memória compõe-se de muitas alcovas meio-escuras<sup>4</sup> e poucas salas claras; às vezes, para achar uma coisa, desço ao porão com lanterna. Mas, enfim, se esqueci os versos é que não mereciam mais.

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 61, p. 1, 1º mar. 1896) e SEM1953 (v. 3, p. 118-123). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

<sup>1</sup> Comentário publicado na série “Às quintas”, de Lulu Sênior (Ferreira de Araújo, 1848-1900) em 27 fev. 1896, na *Gazeta de Notícias* (ano XII, n. 58, p. 1, col. 1-2). Sobre Lulu Sênior, afirma Ubiratan Machado (2021, p. 57): “Redigia com clareza, elegância, humor. Diretor da *Gazeta de Notícias*, modernizou a apresentação gráfica do jornal e encontrou um corpo excepcional de colaboradores.”

<sup>2</sup> Baias, cidade litorânea da Campânia (Itália), atualmente submersa, famosa por seus banhos e diversões. (SARAIVA, 2006, p. 138) Na edição crítica das *Poesias completas*, de Machado de Assis (1977, p. 499), imediatamente após o poema “Clódia”, vem a seguinte informação: “No número 521 de A SEMANA ILUSTRADA foram publicadas as estrofes que a seguir se transcrevem”. Não localizamos esse número na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. O FRAGMENTO, transcrito ao final desta crônica, traz as estrofes que foram omitidas da versão final do poema “Clódia”, publicada por Machado de Assis no conjunto das “Ocidentais” (*Poesias completas*, 1901).

<sup>3</sup> Preservamos a forma latina “Venus Genitrix”: “Vênus Mãe”, deusa romana do amor e da beleza. Em Roma, no antigo Fórum de César, havia um templo dedicado a *Venus Genetrix*, do qual restam ruínas.

<sup>4</sup> Grafado com hífen em GN. Preservamos a grafia, por entender que revela a percepção do autor de que o vocábulo tem unidade sintagmática e semântica.

Antes de 15 de novembro, Petrópolis sofria bem qualquer comparação daquelas; mas a revolução política deu à nossa cidade internacional de recreio um ar de estupor, que a deixou lesa de ambos os lados. Ao cabo de alguns meses começou a sarar. Sobreveio, porém, a revolta de setembro,<sup>5</sup> agravou-se-lhe a moléstia, e se não levou a breca foi porque as cidades não morrem tão depressa como os homens. A estes basta agora morar em um dos bairros daqui (Laranjeiras, por exemplo) para que a febre amarela os tome e leve em poucas horas, com todas as cerimônias póstumas de ambas as autoridades, a eclesiástica e a médica.

Um dia acabou a revolta, – ramal ou prolongamento da revolução do Rio Grande do Sul, que também acabou.<sup>6</sup> Petrópolis, lá de cima, espiou cá para baixo, e,<sup>7</sup> vendo tudo em paz segura, sarou de repente. Achou-se, é certo, convertida em capital de um Estado, único prêmio (salvo alguns discursos e artigos) que a triste Praia Grande colheu do combate de 9 de fevereiro.<sup>8</sup> Não contesto que os Estados devam andar aseados e mudar de capital como nós de camisa; mas, enfim, a velha Praia Grande pode suspeitar que foi por estar manchada de sangue que a degradaram, quando a verdade é que a troca de capital não nasceu senão de um sentimento de elegância muito respeitável. O que a pode consolar é que Petrópolis não tem vocação administrativa nem política. Naturalmente faz que não vê o governador do Estado, não ouve nem lê os discursos da assembleia, e trata de se refazer e continuar o que dantes era.

*La République manque de femmes*, disse consigo a nova capital, e cuidou de lhe dar esta costela. Talvez o dito do republicano francês<sup>9</sup> não caiba aqui inteiramente. As instituições francesas, quaisquer que sejam, precisam de mulheres. A própria revolução, salvo a ditadura de Robespierre,<sup>10</sup> não as dispensou de todo. A Suíça, Esparta e outros

<sup>5</sup> Em 15 de novembro de 1889, por ocasião da Proclamação da República, d. Pedro II estava em Petrópolis. “Revolta de Setembro”: Revolta da Armada (1893-1894), que eclodiu no dia 6 de setembro de 1893.

<sup>6</sup> Revolução Federalista, guerra civil que ocorreu no Sul do Brasil entre 1893 e 1895.

<sup>7</sup> baixo, e,] baixo e, – em SEM1953.

<sup>8</sup> Entre 1894 e 1902, Petrópolis foi capital do estado do Rio de Janeiro. Praia Grande era uma praia no atual município de Niterói. Nas proximidades dela ocorreu o Combate da Armação – episódio da Revolta da Armada (9 fev. 1894) em que as forças legalistas impediram o desembarque dos revoltosos (da Marinha). O nome “Armação” vem do local em que Irineu Evangelista de Sousa (1813-1889), o barão de Mauá, adquiriu uma fundição e construiu um estaleiro, iniciando a indústria naval brasileira. O local, atualmente, abriga o Complexo Naval da Ponta da Armação.

<sup>9</sup> *La République manque de femmes*: “A República precisa de mulheres”. [Trad. livre, nossa] Machado já citou esta frase em duas crônicas de “A Semana” – 129 (18 nov. 1894) e 181 (17 nov. 1895). Ver *Machadiana Eletrônica*, v.1, n.2, p. 174-178, 2018; e v. 4, n. 8, p. 281-286, 2021. Essa era uma “fórmula famosa”, que o cronista atribui a Léon Gambetta (1838-1882), político carismático, um dos fundadores da Terceira República Francesa. Na crônica de 18 nov. 1894, a frase é citada em português; nas duas outras ocorrências, a frase vem em francês.

<sup>10</sup> Maximilien de Robespierre (1758-1794), figura destacada da Revolução Francesa. A “ditadura de Robespierre” se refere ao período 1793-1794.

Estados de instituições mais ou menos parecidas, dispensam mulheres.<sup>11</sup> A razão penso ser que a sociedade francesa não vai sem conversação, e os franceses não acreditam que haja conversação sem damas.

Ninguém há que aprecie mais as mulheres do que nós; mas aqui é difícil vê-las juntas sem fazê-las dançar e dançar com elas. Uma só que seja, podemos dizer-lhe coisas bonitas, enquanto não ouvimos uma valsa; em ouvindo a valsa, deitamos-lhe o braço à roda da cintura e fazemos dois ou três giros. Vou revelar ao público um segredo da imprensa diária. Esta frase: “as danças prolongaram-se até à madrugada” está já fundida na tipografia,<sup>12</sup> é só meter o *cliché*<sup>13</sup> no fim da notícia. Às vezes, a ocasião é lúgubre como um enterro. Um cidadão recebe o seu retrato, lugubrememente pintado por artista que apenas aspirava à gravidade e nobreza do porte. Ao discurso da comissão, não menos entusiasta que lúgubre, responde o cidadão com lágrimas na voz. Apertam-se as mãos, admira-se o retrato, serve-se a clássica mesa de doces. São nove horas da noite, uma senhora canta uma ária, palmas, cumprimentos, até que o compadre da família (todas as famílias têm este compadre) propõe que se dance um pouco. É a voz de Israel falando por uma só boca, e “as danças prolongam-se até à madrugada.”

Portanto, não é exatamente de mulheres que a República precisa: é de pares para os seus cavalheiros. Nem sempre se dançará, mas brincar, batalhar com flores<sup>14</sup> são formas de dança, dão a nota da alegria, que é a flor da saúde. As instituições passam, mas a alegria fica. Petrópolis não terá muitas das antigas estrelas, que se foram a outros céus ou fecharam as suas portas de ouro; mas tem algumas e descobriu novas, com as quais forma o seu firmamento de hoje. A esta renascença de Petrópolis é que Lulu Sênior chama deitar as manguinhas de fora, como se ele não fosse dos que a ajudam nessa operação.

Renasce com a vida cara, segundo disse esta semana um dos seus deputados, por esta frase, a um tempo familiar e severa: “Tudo está pela hora da morte!” Petrópolis podia perguntar ao seu deputado, se o ouvisse ou lesse, onde é que a vida não está pela hora da morte. Não é na Capital Federal, em que o próprio ar que respiramos custa, às vezes, o preço de um enterro. Mas esse mesmo orador dissera antes, no começo do

<sup>11</sup> Em Esparta e na Suíça, as mulheres eram excluídas da vida política. Na Suíça, as mulheres tiveram direito ao voto e à elegibilidade, em âmbito federal, apenas em 1971.

<sup>12</sup> Machado de Assis emprega a frase na crônica de 15 de maio de 1884, da série “Balas de Estalo”.

<sup>13</sup> *cliché*] clichê – em SEM1953.

<sup>14</sup> A batalha de flores é uma tradição do carnaval de Nice (França) desde 1876. A festa chegou ao Brasil em 1888, em Petrópolis. Na crônica “Às Quintas”, de Lulu Sênior (*Gazeta de Notícias*, ano XXII, n. 58, p.1, 27 fev. 1896), – a mesma em que ele escreveu que “Petrópolis está deitando as manguinhas de fora”, para descrever as intensas atividades culturais e recreativas que testemunhava na cidade naqueles dias – a batalha das flores também é mencionada: “Mas, a festa onça deste ano em Petrópolis vai ser a batalha das flores, se a chuva não nos fizer uma das suas.” – escreveu ele. Ver ilustração ao final desta crônica.

discurso, que “não há céu sem nuvens nem mar sem praias”,<sup>15</sup> reconhecendo assim, não sem vulgaridade, que o mal não é privilégio de ninguém, mas que ainda assim tudo tem um limite.

Tanto isto é verdade que, se uma das nossas praias deu o mal da morte ao Dr. Sinfrônio, outra acaba de recolher o seu cadáver.<sup>16</sup> Quando começou o inquérito, o mar ficou mudo como os seus peixes; mas os depoimentos foram tão obscuros e vagos, que ele, compadecido da família, pôs termo às suas esperanças. Não farei aqui o panegírico daquele bom e distinto cidadão; não é costume desta crônica. Uma palavra, dois adjetivos merecidos, e basta. Pobre Sinfrônio!

Não quero entrar pela tristeza; por isso não direi nada daquele moço que tentou matar-se por amar a uma moça de Campos que o não amava.<sup>17</sup> Também não falo do relatório com que fechou o inquérito acerca daquela Ambrosina que se matou por causa de outra moça, que a amava.<sup>18</sup> Vede como duas causas contrárias produzem o mesmo efeito. A explicação disto também não é difícil, mas já me falta papel. Em resumo: sou da opinião de Petrópolis: antes deitar as manguinhas de fora que chorar. O riso é saúde.



---

<sup>15</sup> As frases são do discurso do deputado José Hipólito (1858-1909) – que foi jornalista e cronista –, pronunciado na sessão de 8 fev. 1896 na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. (*Jornal do Commercio*, ano 75, n. 59, p. 2, col. 6, 28 fev. 1896)

<sup>16</sup> Sinfrônio Olímpio Álvares Coelho (1826-1896) – médico, poeta e repentista – morreu afogado e o corpo foi encontrado na praia do Jacaré. (*Jornal do Commercio*, ano 75, n. 57, p. 2, col. 9, 26 fev. 1896)

<sup>17</sup> Ver a notícia na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 58, p. 2, col. 1-2, 27 fev. 1896).

<sup>18</sup> O suicídio de Ambrosina Cananeia foi amplamente divulgado em jornais da época. Machado de Assis menciona essa questão em “A Semana – 193”, crônica de 9 de fevereiro de 1896, neste número da *Machadiana Eletrônica*.

CORREIO



IMPERIAL

## NOTICIARIO

SS. AA. com seus filhos D. Pedro, D. Luiz e D. Antonio visitaram no dia 5 á tarde o Presepio do S<sup>r</sup> Com. Dias da Cruz.

SS. AA. desceram para a Côrte no dia 9, e só voltaram a 10 pela tarde, acompanhadas da Sñr<sup>a</sup>. Baroneza de Suruhy, suas filhas e Chefe de Esquadra Salgado.

O pombo-viajante, que se achava ha dias ligeiramente machucadô n'uma aza, reconeçou suas excursões aereas no dia 10.

O dia de Reis não passou despercebido a varios amigos nossos, que nos ofertaram saborosos bolos. Entre outros, o bem conhecido e popular Fritz Schwanland graciosamente mimoseou - nos com excellentê «kuchen» que fez o regalo de quantos d'elle provaram.

## A BATALHA DE FLORES

Approxima-se o Carnaval, e isto nos traz á memoria a encantadora batalha de flôres, com que a população elegante de Nice e Cannes enche de innocente alegria e ruidosa festa os dias reservados a este folguedo.

Nice é já de si uma gentil cidade, mas n'aquelles momentos redobra de esplendor e de graças.

Soou a hora de começar a folia ; apinha-se o povo na « Promenade des Anglais », aqui em extensas archibancadas ao longo dá praia, alli nas calçadas, alem nos jardins e nas janellas dos esplendidos e vastos hoteis que bordam a famosa avenida. Pelo meio d'esta multidão compacta começam a desfilarem em duas linhas os carros, uns que vão e ou-

tros que vêm; cada um d'elles é um jardim ambulante, em que o gosto apurado dos elegantissimos foliões junctou o que ha de mais bello e vistoso; este vae coberto de violetas, aquelle das louras espigas de trigo, tal se enfeita com graciosas folhas de palmeira, qual com lyrios e rosas, lilás, cravos e junquillos.

E a profusão de flôres não pára ahi; gentis senhoras, moços e velhos, louras crianças, todos os que passeiam levam um arsenal ricamente provido de mimosos ramalhetes. A batalha começa, distribuem-se os tiros á direita e á esquerda, referve a lucta quando se encontram amigos ou conhecidos, — e os dictos graciosos que acompanham o combate, e a vozeria do povo que saúda as mais bellas carruagens, a alegria de todos faz a musica d'esta scena verdadeiramente bella e digna de imitar-se onde quer que haja bom gosto.

Petropolis, que é a cidade risonha das flôres, bem poderia iniciar entre nós esta festa. E tempo de sepultarmos o entrudo com o seu cortejo de defluxos e selvajarias. Animando a floricultura, adoptemos o graciosos folguedo da bella Nizza.

R. G.

## PENSAMENTOS

A verdadeira felicidade consiste no amor que se tributa a Deus, á familia, á patria e á humanidade.

Os bons sentimentos do coração humano são devidos quasi sempre á influencia da educação materna.

F. D.

TYP. IMPERIAL.

## A batalha de flores

FONTE: *Correio Imperial*, ano II, n. 3, p. 1, 11 jan. 1888.

### Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

### Referências

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 61, p. 1, 1º mar. 1896. Disponível em:

<[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730\\_03&pagfis=13721](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=13721)>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*: Crisálidas, falenas, Americanas, Ocidentais. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2021.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 12. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 2006.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.

**ANEXO**

**FRAGMENTO**<sup>19</sup>

.....  
**VIII**

Baias era a Petrópolis latina,  
Grato refúgio a damas e a senhores,  
A cidade das festas, áureo templo  
Das ceias e dos banhos, levantado  
Sobre um leito de flores e de espumas.  
Iam-lhe aos pés morrer, nas longas noites  
Os soluços do mar. A asa do vento  
Os amorosos sonhos lhe afagava.  
Dava-lhe o sol a languidez da sesta.  
Roma elegante ali corria, em busca  
De Roma enamorada e desejosa.  
Ali cantou e amou Catulo a Lésbia,  
Um amor de poeta e de patrícia,  
Doce, misterioso, amor tão casto,  
Grata efusão de namoradas rolas.  
O que era moço e rico ali comprava  
As delícias da vida. A inculta plebe  
Ali não tinha ingresso. Nem valia,  
Baias, para ganhar teu nobre afeto,  
Patentear os recozidos membros,  
Magros restos de guerras africanas.  
Ali a juventude esquece e baila  
Entre as graças e as musas. Voz da noite,  
Não recontes à aurora os teus segredos;  
Esquece os longos beijos, os suspiros,  
Os espasmos do amor; não chegue a Roma  
O eco festivo dos serões de Baias;  
Invejara-lhos ela; ela que assiste(,)   
Voraz, alegre, corrompida e muda,  
Às finais convulsões da liberdade.

**IX**

“Vivamos, minha Lésbia!” o vate exclama.  
E que vida do céu! Brisa do golfo,  
Jardins romanos, quanta vez lhe ouvistes  
As mútuas confissões, os ternos choros,  
A expressão ardentíssima das almas,  
E dos lábios também, trêmulos, frios,  
Livros santos do amor aos homens dados.  
Tecei, Horas divinas, as grinaldas  
De fresca murta e perfumadas rosas, →

---

<sup>19</sup> ASSIS, 1977, p. 499-501.



Espalhai-as no chão, cingi com elas  
A ingênua fronte dos férvidos amantes.  
Lágrimas, se as não trava a dor, vertei-as  
Olhos ternos; são lágrimas de vida;  
O amor as gosta: a flor da madrugada  
Abre ao alado inseto úmido seio.

X

Oh! se entre as glórias desta vida escassa,  
Alguma vale a pena, é quando a fronte  
Do poeta que os deuses bafejaram,  
No regaço da amada esquece e dorme.  
Nascem irmãs no amor o gênio e a graça.  
Tintas não traz Catulo as mãos em sangue  
De ásperos povos; nem de infâmia tintas  
Das grandezas da terra desconhece  
Os métodos obscuros. Tem na lira  
A sua glória única. Converta  
César os campos em sanguíneos lagos;  
Filho da liberdade, a mãe condene,  
E o hálito vital ímpio lhe arranque,  
Pode assim, dominando o tempo e os homens,  
No futuro surgir. Um livro apenas,  
Versos que amor inspira e amor escreve,  
Entre risos e lágrimas, e, às vezes,  
Com sangue, mas do seu, ao vate afiança  
Eternos dias e imortais coroas.

Pálida estrela do poente em fogo  
Alfim desvenda o rosto. A noite desce,  
Não opressa sem turva, calma e lenta,  
Sobre a alegre cidade abrindo as asas  
Tépidas. Levantai, gente da moda,  
Moças belas, adorno dos banquetes!  
Dão-se as mãos noite e amor; entrai com eles  
Para as festivas salas. Já na mesa  
Os lábios escancara ostra colhida  
Nas águas de Capréa. Saboroso,  
Imolado faisão, contempla em frente  
O javali, primor das mesas nobres.  
Roxas uvas, colhidas sobre a encosta  
Do medonho vulcão, que, dentro em pouco,  
Pompeia enterrará e os roxos figos  
Água trazem à boca. Dão remate  
A esta ceia patricícia e succulenta  
Vinhos gregos e bálsamos do Egito.<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> Sem assinatura. [Nota do texto-fonte, no rodapé.]